

ELAINE REGINA DOS SANTOS

elansantoselan@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), INSTITUTO DE ARTES, BRASIL

TRADUZIR UMA PARTE NA OUTRA PARTE, SERÁ ARTE?

RESUMO

No presente texto faz-se uma reflexão sobre a manifestação religiosa dos *ex-votos*, objetos votivos que um fiel dedica ao seu santo de devoção, ao qual pede uma graça ou agradece a graça alcançada. A pesquisa se deu a partir de visitas a acervos e com base em materiais bibliográficos relativos ao tema. A prática do *ex-voto* tem origem no paganismo e foi absorvida pelo cristianismo e disseminada pela Europa e América. Conforme Bonfim (2008) uma característica significativa nessa prática é o “aspecto cíclico do dar-receber-retribuir”, sistematizado pelo antropólogo e etnólogo Marcel Mauss no *Ensaio sobre a dádiva*, publicado em 1923-1924 (Mauss, 1923-1924/2003). A manifestação do *ex-voto* foi introduzida no Brasil, no século XVI, pelos portugueses, que tinham em sua origem a predominância da prática da pintura em tábuas votivas; porém com o passar do tempo desenvolveu características próprias. No final do século XX, o *ex-voto*, com as muitas subtrações e a falta de sistematização de conservação, passa da representação genuína, e por isto uma relíquia social, ao colecionismo, uma relíquia de mercado, desarticulado e descontextualizado de suas raízes, comprometendo assim o patrimônio histórico e cultural. A apropriação do *ex-voto* no campo das artes plásticas reverbera ressonâncias do valor das expressões da arte popular.

PALAVRAS-CHAVE

Ex-voto; dádiva; arte; patrimônio

INTRODUÇÃO

Os achados arqueológicos comprovam a prática votiva e ritualística dos povos desde os tempos mais remotos, manifestação que se insere na questão vida e morte da humanidade. É sempre um ato de fé e de rogação, de proteção espiritual, que se traduz no desejo da conquista da harmonia

entre espírito, mente e saúde do corpo e/ou condições positivas e produtivas da natureza. O diálogo entre o sagrado e o humano descobriu na arte uma forma de expressão, como o *ex-voto*, que surgiu como manifestação em religiões antigas e depois foi adotada no lugar público da Igreja.

Os rituais de fertilidade da terra, em que os aspectos mágicos da religião se sobressaem, de modo especial no período do Paleolítico Superior (entre os anos 35000 – 10000 a.C.), reforçam a relação dos habitantes dessa época com o ciclo reprodutivo da terra. (Gordo, 2015, p. 34)

Termo originado no latim – cuja preposição *ex* representa a “causa de, em virtude de”; e *voto*, advindo de *volus*, participio passado de *vovere*, “prometer, dedicar algo a” –, o *ex-voto* é uma gratidão e um testemunho que materializa em símbolo imagético a graça recebida, o cumprimento de um acordo íntimo realizado por meio da oração e fé do devoto com o deus ou santo de devoção. Os objetos encontrados são representados em riqueza de materiais, mais resistentes como argila queimada, pedra e metal, e outros mais perecíveis como tecidos e madeira, evidenciando a tecnologia desenvolvida de cada povo bem como o recurso natural disponível¹.

ORIGENS

Segundo Silva (1981, p. 21), “os primeiros objetos que testemunham o relacionamento individualizado entre homens e deuses situam-se na faixa de 2800 a.C.. São sumerianos e eram depositados nos templos, onde exerciam a função de ‘duplos-orantes’ em permanente adoração aos deuses”. O “duplo orante” é como a expansão do orante que se mantém em oração, representado por uma estatueta depositada no templo e que lhe dará benção e proteção enquanto segue com suas atividades diárias da vida (Gordo, 2015).

O *ex-voto* como concebemos hoje, segundo extensa bibliografia de diversas áreas de estudo, advém da prática registrada em Epidauro, cidade da Grécia antiga, onde foi construído no século IV a.C. um santuário dedicado a Esculápio, local para onde numerosos fiéis se dirigiam em busca de cura para suas doenças ou em agradecimento por terem alcançado a graça e ali depositavam artefatos e objetos representando as partes do corpo afetadas e/ou curadas. As Figuras 1 e 2 ilustram objetos escultóricos

¹ As escavações arqueológicas nos municípios de Nesle e Mesnil-Saint-Nicaise, França, descobriram artefatos romanos em madeira bastante conservados, extremamente raros, datados entre os séculos I e II d.C.. Disponível em www.inrap.fr/les-ex-voto-de-mesnil-saint-nicaise-9535

encontrados no antigo templo e expostos no Museu Nacional Romano, localizado nos antigos Banhos de Diocleciano, em Roma, na Itália.



Figura 1: *Ex-votos* do antigo Templo de Asclépio. Esculturas em terracota. Cabeça de mulher, pé e mão. Museu Nacional Romano. Fotografias de Adriana Ingravalle e Teresa Prinzivalli

Fonte: <http://himetop.wikidot.com/ex-votos-from-the-old-temple-of-asclepius>



Figura 2: *Ex-voto* dedicado a Esculápio, c. 100–200 a.C. Relevô em mármore. 30,48 x 20,32 cm. Inscrição: Tyche (oferece isto) para Esculápio e Higéia como agradecimento

Fonte: <https://tinyurl.com/y623bzbe>

A história de Esculápio é reconstituída com base em lendas e mitos criados pelo paganismo grego. Esculápio, Asclépio, Asclepius (Grécia) ou Aesculapius (Roma) é considerado o deus da medicina e da cura. Homero o definiu em sua *Iliada* como um rei que tinha conhecimentos médicos e ensinou a arte médica a seus dois filhos Podalírio e Macaón. Acredita-se que tenha vivido por volta de 1200 a.C. e mais tarde sido divinizado. Inúmeros outros templos e santuários foram erguidos em sua honra.

Horácio, o poeta romano, registra em *Ad Pyrrham* (23 a.C.), a ode quinta do livro primeiro, sua manifestação de gratidão ao deus Netuno, depois de ter escapado de um naufrágio, por meio do *ex-voto*, o que mostra que essa prática era comum em sua época. Esta passagem foi traduzida para o inglês por Fernando Pessoa em 9 de maio de 1904, quando tinha 16 anos (Ramalho, 1998, pp. 267-268 e 274).

Me tabula sacer
 Votiva paries indicat uuida
 Suspendisse potenti
 Vestimenta maris deo. (Horácio, I, 5)

Me on sacred walls
 My picture sworn that my dank garb recalls
 I hung at length, when free
 To the Strong God of Sea. (Pessoa)

A mim, na parede dum templo uma tábua votiva recorda
 que suspendi a minha roupa húmida, em honra do poderoso deus do mar.

DAR-RECEBER-RETRIBUIR

Uma característica significativa na prática do *ex-voto* é o “aspecto cíclico do dar-receber-retribuir”, que Bonfim (2008) ressalta, com muita pertinência. Esse aspecto, sistematizado pelo antropólogo e etnólogo Marcel Mauss no *Ensaio sobre a dádiva*, publicado em 1923-1924, com base em investigação sobre os povos da Polinésia, Melanésia e do norte e noroeste americano, prioriza o “fato social total” analisado na tríplice compreensão da dimensão sociológica, histórica e fisio-psicológica – ou seja, considerando as diferentes modalidades sociais, os diferentes momentos de uma história individual e as diferentes formas de expressão. No dar-receber-retribuir encontra-se uma combinação de conexões espirituais entre as coisas

e os indivíduos; há uma permuta constante, correspondendo a direitos e deveres do dar e receber, originando inclusive a sociedade e vida comum, “a política, no sentido socrático da palavra” (Mauss, 1923-1924/2003). Há que se pontuar, tão desfigurada nas práticas de corrupção hoje encontradas em diversas nações.

Segundo Gordo (2015), com a implantação do cristianismo os novos adeptos levavam consigo manifestações que faziam parte de sua tradição, incluindo o oferecimento do *ex-voto*, sendo a prática livre de seu culto permitida inclusive pelo imperador Constantino (século IV d.C.). Porém, no ano 380, um pacto entre o imperador Teodósio e a Igreja estabelece o catolicismo como a religião oficial do Império, iniciando aí uma grande intolerância às práticas pagãs. Os fiéis que antes ofereciam os *ex-votos* aos deuses, em pagamento das graças recebidas, passaram a ofertá-los aos santos e à Virgem Maria. No século VI, para combater os resquícios de práticas pagãs, a Igreja entra em grande movimento para popularizar os santos, destacando seus milagres, por vezes banais ou fantásticos, e passa a perseguir os costumes supersticiosos, entre eles o *ex-voto*. Com o tempo, já que era impossível de ser combatida, a manifestação do *ex-voto* passou a ser aceita porém não era oficializada pela Igreja, e disseminou-se por toda a Europa.

O *ex-voto* na Idade Média foi um hábito característico de pessoas mais abastadas, que faziam encomendas a artistas renomados, mais comumente a pintura. A partir do século XVI, as representações votivas ganharam popularidade e se difundem pelo mundo ocidental, apresentando-se em novas formas. Destacam-se entre os mais simples pelo sofrimento causado pela dificuldade ao acesso a recursos e tratamentos médicos, sem ter a quem recorrer, senão à fé.

***EX-VOTO* OU MILAGRES**

Introduzida no Brasil pelos portugueses no século XVI, que tinham em sua origem a predominância da prática da pintura em tábuas votivas, conhecidas também por “milagres” ou “painéis de milagres”, a manifestação religiosa do *ex-voto* desenvolveu com o passar do tempo características próprias, somando-se a representações de partes do corpo, ou do corpo inteiro (entalhados em madeira, modelados em argila ou gesso, ou moldados em cera), uma infinidade de objetos curiosos, como barcos, vestidos de noiva, chumaços de cabelo, recortes de jornais, etc. No século XX, a fotografia passou a integrar os acervos de todo o país. Com o desenvolvimento

da tecnologia, hoje são encontrados *ex-votos* eletrônicos, como CDs, DVDs, velas virtuais, emails e até SMSs encaminhados por celular exibidos em uma tela, como é o caso do Santuário da Aparecida, no estado de São Paulo, o maior santuário mariano em área e dos mais visitados do mundo. “Muita gente fica angustiada porque não tem como vir pagar a promessa. Agora pode agradecer por SMS”, explica o Padre Rodrigo Arnos, em entrevista à antropóloga Bianca Gonçalves de Souza publicada na revista *Unesp-Ciência* (Nogueira, 2011, pp. 36-41).



Figura 3: Objetos diversos, Santuário Aparecida, São Paulo, Brasil

No Brasil, a religião católica foi trazida pelos colonizadores portugueses e influenciada pelas práticas de rituais indígenas e africanos, nascendo daí uma forma de hibridismo do catolicismo, o sincretismo² religioso.

O catolicismo popular de fontes lusitanas é na realidade um “paganismo supérstite” da frase de Sébillot, no qual o ritual católico se contaminou com as lendas, crenças, costumes, ritual popular, superstições, que deixam adivinhar reminiscências de velhos mitos e cultos. São ritos de fecundidade, de nascimento etc.; práticas mágicas, cultos funerários, *folk-lore* dos astros, dos meteoros, das águas, da terra, das pedras, vestígios, enfim, das religiões pagãs. Foi esse catolicismo popular celtibero que Portugal legou ao Brasil, onde por sua vez ele se desenvolveu incorporando

² O termo sincretismo provém do vocábulo grego *synkretismos*, e sua origem se refere à unidade dos cretenses. Expressa a fusão entre duas religiões ou manifestações culturais. Em ambos os casos acontece um sincretismo quando há uma síntese de dogmas, ideias e símbolos. O resultado desta síntese cria uma nova expressão religiosa ou cultural. Retirado de <https://conceitos.com/sincretismo/>

fragmentos dos cultos ameríndios e africanos aqui encontrados. (Ramos citado em Gordo, 2015, p. 50)

A tábua votiva, prática mais comum do *ex-voto* português e de grande parte da Europa, é adotada em terras brasileiras. Com o tempo, a manifestação assume novas expressões, exemplo material do hibridismo estabelecido, ganhando grande popularidade entre as pessoas mais simples, que viam uma esperança de obter ajuda na sua vida sofrida. Assim, depositavam as suas representações de gratidão nas Salas de Milagres construídas próximas a igrejas e santuários, por vezes inclusive por algum fiel como agradecimento à graça alcançada. A manifestação do *ex-voto* enfim foi apropriada pela Igreja, fazendo parte do discurso da comprovação dos milagres e da devoção de fé dos seus discípulos, aproximando-os da religião e distanciando-a da visão mágica.

A fragilidade da vida levava assim o homem a sentir-se pouco responsável por ela, reforçando o caráter de seu “predestino”, tão bem expresso nos “ex-votos”, como “ações de graça”, acumulados nas salas dos “milagres”, construídas ao lado dos santuários de devoção popular. (Azzi citado em Gordo, 2015, p. 53)

Embora a manifestação do *ex-voto* seja muitas vezes citada como sendo apenas das classes mais simples e mais pobres, a prática não se restringe a elas. Prova disto é o quadro encomendado pela Imperatriz Leopoldina a Nicolas-Antoine Taunay, da Missão Francesa ao Brasil, dedicado à Nossa Senhora da Glória em agradecimento à recuperação de D. Pedro I após uma queda de cavalo constante do acervo do Museu Imperial da Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

O relato de Dom Pedro II em seu *Diário de viagem ao Norte do Brasil*, em 28 de outubro de 1859, a caminho do Bonfim, em Salvador, Bahia, comprova a prática do *ex-voto* no Brasil como parte integrante da cultura e religião daquela época:

Pouco depois das 6 da manhã saímos para o Bonfim; o caminho já é muito bonito, tendo belas casas e jardins, e antes de lá chegar passa-se o Dendezeiro, bela alameda de palmeiras dendês. Da igreja, colocada sobre um teso, para o qual conduz uma bem lançada calçada, goza-se de vista soberba (...). Há uma casa curiosa toda cheia, de alto a baixo, de quadros de milagres e ex-votos. (D. Pedro II citado em Bonfim, 2008)

ESCULTURA POPULAR BRASILEIRA — DA ARTE POPULAR À ARTE ERUDITA

O tema da cultura popular em que se insere o *ex-voto* ganhou maior interesse a partir de 1940, resultante do encantamento dos artistas e intelectuais ligados ao movimento modernista brasileiro, de 1922, e do trabalho da Missão de Pesquisas folclóricas, ocorrida em 1938 e liderada por Mário de Andrade, escritor, crítico e incentivador da cultura, na ocasião responsável pelo Departamento de Cultura do Município de São Paulo. A Missão, composta por quatro pesquisadores e técnicos, viajou por seis meses pelo norte e nordeste do Brasil. Tinha a tarefa de anotar, desenhar, fotografar, filmar, gravar, recolher objetos, artefatos e instrumentos relacionados às manifestações da cultura brasileira. Um dos integrantes foi o arquiteto Luis Saia, que tinha interesse pessoal pelos *ex-votos*, trazendo inúmeras informações e objetos sobre a matéria. Essa foi considerada a primeira pesquisa sobre o tema, resultando dela a obra *Escultura popular brasileira*, de sua autoria, publicada em 1944 pela Editora Gazeta.

Segundo Silva (1981, p. 34), até esse momento o *ex-voto*, principalmente o escultórico, não era visto como objeto de arte ou comunicação social; estava vinculado apenas ao misticismo popular. Gordo (2015) destaca que, enquanto o trabalho de Luis Saia iluminou o valor artístico e antropológico do *ex-voto*, o artigo “O *ex-voto* como veículo jornalístico”, publicado pelo jornalista Luiz Beltrão na Revista *Comunicação & Problemas* de 1965, desvela o importante paralelo entre os *ex-votos* e a comunicação social, identificando no *ex-voto* e no folclore manifestação de uma classe distante da mídia institucionalizada da época, um grande canal de comunicação, significativo transmissor de suas ideias, seus problemas, suas doenças, crenças e formas de vida. Conclamava, assim, um interesse maior dos pesquisadores ao elemento vivo de pesquisa de que o folclore dispõe.

Hoje é crescente o número de investigações das diversas áreas acadêmicas sobre o assunto. Entretanto, há-de se ressaltar, conforme Bonfim argumenta em sua análise, o aspecto de que, nas últimas décadas do século XX, o *ex-voto*, com suas muitas “subtrações”, passa da representação genuína (e por isto uma relíquia social) ao colecionismo, portanto uma relíquia de mercado, uma “subversão da própria natureza paradigmática da dádiva” (Bonfim, 2008, p. 6). Além das subtrações muitos acervos são destruídos por falta de sistema adequado de conservação.

Importante notar que, assim como as peças escultóricas mais antigas, como as encontradas no Templo de Esculápio representando fragmentos do corpo humano, no nordeste brasileiro essa representatividade ganha grande expressão no *ex-voto*, sobretudo as esculturas em argila e madeira.

“Obras interessantíssimas esses milagres, alguns mesmo de grande beleza estética que os colocam em pé de igualdade com muita escultura tradicional, não só popular, mas das culturas primitivas” (Andrade citado em Batista, 2004, p. 56).



Figura 4: *Ex-votos* da Coleção Mário de Andrade IEB – Instituto de Estudos Brasileiros (USP-SP), Brasil

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/mario-de-andrade/etnografia-e-folclore/>



Figura 5: *Ex-votos* (Acervo Museu Afro – Ibirapuera – São Paulo – Brasil)



Figura 6: Ex-votos da Coleção Lina Bo Bardi
Centro Cultural Solar Ferrão, Salvador, BA, Brasil

Fonte: <https://projetoex-votosdobrasil.net/museus/colecao-lina-bo-bardi/>

Segundo historiadores da arte, os artistas modernos foram buscar na arte popular e primitiva inspiração para as suas criações estéticas no século XX, e talvez o imaginário do *ex-voto*, que faz parte da representação da civilização desde a antiguidade e está presente em santuários e templos, tenha tido ressonâncias para essas expressões na fragmentação e nas formas sintéticas da arte moderna, embora aqueles objetos não tenham sido criados para serem contemplados ou consumidos como obras de arte, mas sim como artefatos ritualísticos.

No *ex-voto* escultórico encontramos uma representação de um fragmento, de uma parte do corpo, que solicita ou celebra uma cura, uma integração, um retorno à harmonia e à completude. O fragmento na arte moderna tem o mesmo significado que o todo, e a parte de um corpo tem a mesma importância que o corpo inteiro, embora tenha imbuído em seu conceito toda a problematização e inconstância que a vida moderna produziu, nas mais diversas áreas, científicas, econômicas, sociais e de produção.

Os trabalhos de muitos artistas revelam proximidade com o imaginário dos ex-votos. Neste contexto, pode-se mencionar artistas como os

pintores Frida Kahlo e Yves Klein, o fotógrafo Tom Chambers, os escultores Urs Lüthi, Nynke Deinema, Christie Brown, Farnese de Andrade e Efraim de Almeida, entre outros. Todos eles emprestam a temática do *ex-voto*, e com suas obras refletem a questão da vida e da morte, uma temática universal.

A antropóloga e crítica de arte brasileira Lélia Coelho Frota (1938-2010), sobre as várias considerações a respeito da conceituação da arte popular, em oposição à arte erudita, afirma que:

o indivíduo criador que produz o que se denomina de arte do povo não é a-histórico. Muito pelo contrário, sem abandonar o legado tradicional recebido do seu grupo cultural, ele participa e exprime contemporaneamente em seu trabalho, da mesma forma que o artista erudito, as mudanças que ocorrem em seu meio, enriquecendo com elas a sua auto-expressão, porta-voz, como é, da complexidade e da profundidade de uma experiência coletiva. (Frota, 2011, s.p.)

CONCLUSÃO

O *ex-voto* desde sempre exprimiu com sua aparente simplicidade o desejo sincero de restabelecimento, alcançou sua simbólica no fato de ser diretamente representativo de um elemento concreto. Trata-se de uma construção por metonímia, em que o todo é mais que o corpo inteiro, é a integração do humano e do divino. Se o ser não está em harmonia porque a perna está doente, o pedinte representa a perna e se comunica por meio desta representação; ele deixa claro ao seu santo de devoção, ao espiritual, a necessidade da recuperação da parte para a integridade do todo, e no ato de pedir está implícito o receber e o retribuir no seu agradecer, prática de dádiva.

Se por um lado o tema do *ex-voto* é bastante notável e cada vez mais avaliado como componente estético, registro histórico, antropológico e etnológico, investigado por distintas áreas do saber, por outro está cada vez mais deslocado e descontextualizado de suas origens devido à falta de maneira sistemática de preservação, que facilita subtrações e destruições de acervos, comprometendo o patrimônio histórico e cultural.

O *ex-voto*, como elemento estético da arte popular, expressa uma linguagem genuína e universal e inspira outros artistas, que o difunde, valoriza e o consagra como autêntica expressão da cultura. Com sua linguagem desvela a importância da integração e harmonia do corpo físico, emocional, espiritual, psicológico e social.

Para concluir, com uma licença poética, ficam as palavras do poeta e crítico de arte brasileiro Ferreira Gullar (1930-2016), em seu poema “Traduzir-se”:

Traduzir uma parte na outra parte
 - Que é uma questão
 de vida e morte -
 Será arte? (Gullar, 2017, p. 31)

REFERÊNCIAS

- Batista, M. R. (2004). *Coleção Mário de Andrade: religião e magia, música e dança, cotidiano*. São Paulo: Edusp.
- Bonfim, L. A. (2008). Uma fábrica de relíquias: os ex-votos entre a representação e a coleção. *Reunião Brasileira de Antropologia*, 26, 1-12. Retirado de <https://tinyurl.com/y26upvdm>
- Frota, L. C. (2011). *Arte do povo*. Retirado de www.museucasadopontal.com.br/pt-br/arte-do-povo
- Gordo, L. E. G. (2015). *Ex-votos. A saga da comunicação perseguida*. São Paulo: Ave Maria.
- Gullar, F. (2017). Traduzir-se. In *Na vertigem do dia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mauss, M. (1923-1924/2003). *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Cosac Naif.
- Nogueira, P. (2011, fevereiro). Documento de fé. *Revista Unesp Ciência*, 16, 36-41.
- Ramalho, A. da C. (1988). Horácio, Falcão de Resende, Milton e Pessoa. *Humanitas* 39-40 (1987-1988). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos. Retirado de <http://hdl.handle.net/10316.2/29318>
- Rego, S. (2006). Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(1), 233-235. DOI: 10.1590/S0102-311X2006000100029
- Silva, M. Au. M. (1981). *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

Citação:

Santos, E. R. (2019). Traduzir uma parte na outra parte, será arte? In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 440-451). Braga: CECS.